N.º 54 (2.º) — (176) — 4.º ANNO

Terça-feira, 21 de Novembro de 1911

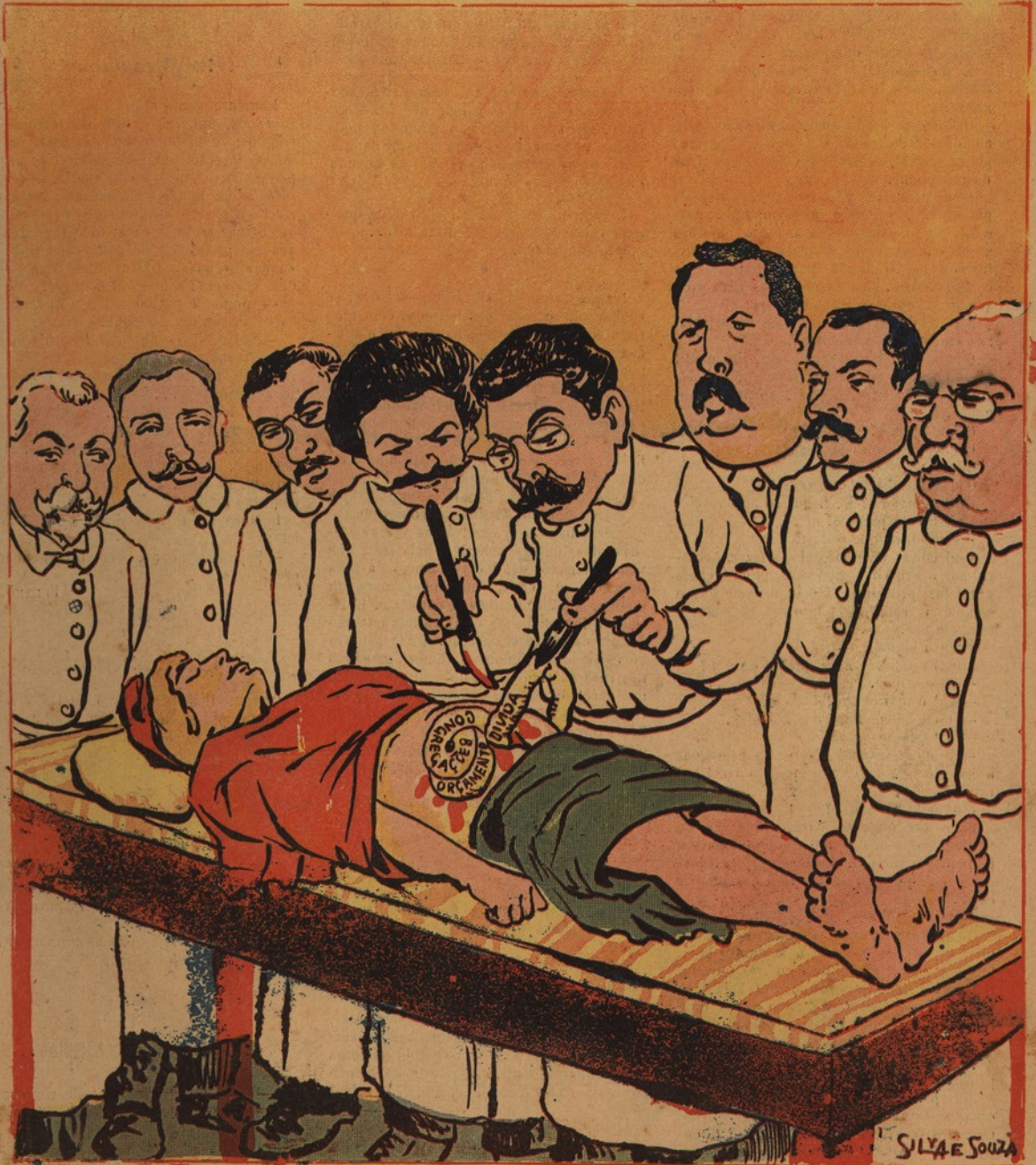
PREÇO 20 RS.

Semanario de caricaturas e humoristico
Propriedade da Empreza do jornal O ZÉ
DIRECTOR E EDITOR
ESTEVAO DE CARVALHO
CARICATURISTA
SILVA E SOUSA
ADMINISTRADOR
RICARDO DE SOUSA

IMPRESSÃO A CORES
Typ. do Annuario Commercial, P. dos Restauradores, 27

Composto e impresso na typographia NACIONAL
88, Rua da Conceição da Gloria (á Avenida), 40

SUCCESSOR DO JORNAL «O XUAO» Redacção e administração: R. da Rosa, 162, 1.º—Lisboa

Uma operação complicada

A sciencia do chefe, esbarrou no difficil parto, com os espinhos das asneiras dos outros. O que sairá d'aqui?

Fitas corridas

Lá reabriu o parlamento.

Os rápidos, os «tramways», trazem lá de longe os meretissimos representantes da nação portugueza, mais gordos e sádios dos ares da terra, mais cheios de patriotismo revigorado ao observar dos tomates nas suas hortas, mais exaltados na linguagem com os conhecimentos adquiridos na botica lá da terra.

De guarda pó novo para os ataques de vento na viagem, de trópos e respostas novas para os ataques parlamentares, elles se apeiam nas estações e correm aos hoteis, mortos pelos mólhos picantes, correm aos cafés mortos por se pôrem em dia com as questões; e saciados do fructo prohibido que na terra não teem por ser exclusivo do abade, acham-se promptos para a lucta para a qual os povos pela bocca das urnas os nomearam.

E no entanto, vós sois os mesmos, os eternos carneiros da consciencia portugueza.

O vosso cerebro pouco germinativo posto ao dispor do leader, do chefe, do patrão, pouca differença faz dos velhos deputados da monarchia.

Pela primeira vez que chegasteis ao parlamento, segundo as sympathias pessoaes agremiastes-vos ou ao blóco, cujo fim só era contrariar os radicaes ou agremiastes-vos aos radicaes para contrariar os conservadôres. Mas assim, bólas para vós, senhores representantes do paiz.

Nós não os elegemos para irem lá fazer «ferro» uns aos outros.

Olhem aquelle que alli vem. Um gentil mocinho, nem maior me parece que é.

Que vem elle cá fazer? Aprovar e regeitar.

O que aprova?

O que lhe dizem para aprovar.

O que regeita?

O que lhe dizem que regeite.

E' da maioria? E'. Logo, só aprova coisas vindas da maioria.

E este outro que é da minoria.

Tem coisas de mais pulso a fazer. Acompanhar o seu chefe nos seus actos. O chefe protesta, protestma todos; o chefe põe o chapeu e sae, elle põe o seu tambem, e tambem sae.

Quem é aquelle outro?

E' um ministro. E de que? e de que?

—Da marinha.

—Ah! é marinheiro?

—Qual! foi ministro das colonias.

—E o das finanças?

—E' aquelle. Quando estava a principiar a pôr-se em dia no fomento tresladaram-n'o.

E aquelle tão gôrdo?

E' o do fomento. O paiz vae ver um verdadeiro ministro do fomento, ou um homem inutilizado. Está compromettidissimo com o operariado. Tem de cumprir ou...

—Muito obrigado.

E apavorados com a situação falsa em que todos se encontram lá dentro hoje, fugimos. Um ministerio com tres ou quatro facções! Uma concentração ou seja uma união a que deitaram quatro gatos! Uma camara que já deu todas as provas de incapacidade parlamentar!

E abriu o panno. E o espectaculo vae principiar.

Um palhaço á porta com alvaiada na cara agita uma campainha e berra: E' entrrarr parrra verr a grrande união! E' entrrarr! E' entrrarr! Aqui quem não tem cabeça não paga nada! Vae prrincipiarr!

*

Isto continua n'um sino.

Este «isto» refere-se a tudo istô: politica, administração, homens, pensamentos, governos, tudo, emfim.

Por exemplo, para fazermos ideia da concisão e da sinceridade d'esta gente, ouçamos estes dois.

No «Cadastro» o sr. Silva Passos diz do sr. João Chagas como parlamentar:

«E esse homem defende-se brilhantemente no Parlamento dos ataques que lhe são dirigidos.

Com uma grande altivez, quasi fleugma, não desmanchando nunca a linha estetica da sua figura, a que o gesto sobrio realça, typo excellente do estadista moderno —com meia duzia de phrases apreza o inimigo, sacode-o, atira-o para longe... e senta se serenamente no meio da admiração geral.»

E no artigo de quarta feira, 15, da «Republica, diz do mesmo senhor como parlamentar, o sr. Antonio José d'Almeida:

«Sabia-se que elle não queria ir ao parlamento e a razão era bem de vêr, se repararmos na sua falta de sympathia pelas luctas parlamentares para que lhe faltam, como plenamente demonstrou, as qualidades essenciaes.»

E vae tu, leitor amigo, ajuizar de qualquer coisa, se todos fallam assim...

Que cambada...

*

Diz-nos aqui o «Boavida»—não sei se conhecem, é um cara direita, com uma risca ainda mais—que, ha dias foi magnifica e elegantemente salpicado de lama por um F. F. A. T. que vertiginoso continuou na sua tarefa, de fazer naufragar os transeuntes pedestres, debaixo da lama, espirrado de debaixo dos seus «pneus».

Ora meu amigo, isto não parece seu. Então você não sabe que está n'uma cidade que se diz civilisada?!

Esta questão tão banal de sermos sujos e estragados nos vestuarios cómezinhos e de ver a Deus com que vamos ver as pessoas das nossas relações, pela lama que vem debaixo das carruagens da alta linhagem é, creia, uma honra para um plebeu. Aquillo dia de lama é certo. E' fatinho salpicadinho da costa. Ainda isto não é nada da nossa civilisação. Ainda não viu você, qualquer diplomata chinez passeando nas ruas da capital sujeito a imprecauções da garotada; ainda não viu as damas arrostarem as chulas parvoices dos dandis da R. do Ouro; ainda não foi vêr a educação e o chic da entrada nas plateias depois do panno aberto;... ah! já viu? Então já vê que ser só salpicado, ultrajado, sujo por um automovel da alta linhagem é uma gloria.

E olhe que não lhe lembrei os carroceiros á pancadaria aos animaes que lhe dão o sustento (salvo seja), as cascas, os papeis pelas ruas... etc. Temos tudo necessario para uma cidade que se diz civilisada. Agora, ainda por ultimo temos (é vergonhoso e triste) o... homem macaco!!!

Olhe que ser salpicado por um «auto» chega a dar tom; é um bocadinho chic. A lama dá um certo ar de aristocracia...

Se alguma razão havia para se zangar, era a de o carro ser d'uma aristocracia que já nem brio tem. Ser-se sujo por uma linhagem que nem... sarapilheira é, não dá gosto, não é verdade, amigo Boavida?

Lisboa, 17-11-911

O provisorio

FULANO DE TAL

Ora... bolas!

Dizem os jornaes, que o notavel parlamentar sr. Botto Machado, agastado por não lhe publicarem um seu projecto de lei no diario do Governo, prometteu arrasar Troia e rasgar o seu dip'oma de pae da... patria.

Descancem, é systema bem conhecido e velho nos habitos do sr. Boto Machado.

A questão, não é no fundo um mal de principios mas simplesmente a eterna questão dos homens.

Oh! a popularidade e celebridade, é a maioria das vezes, a causa de muita incoherencia e mais alguma coisa... são arrufos passageiros.

Instantaneos

II

!O phenomeno!

Immensa gente numa rua de Lisboa. Ha correrias, tumultos, gritos lancinantes, estridulos; uma multidão compacta corre numa direção, pára; fórma circulo; de repente corre em todos os sentidos, grita e torna-se a juntar mais adeante; um carro electrico pára; levantam-se os passageiros; as damas tapam a cara; tudo foge, berra, gesticula; no fogo do enthusiasmo pedem «agua» «agua». Outros mais longe acodem correndo: o que foi? o que é?

—Aquillo é o Affonso Costa que vae no carro... diz um de longe.

—Nada. E' o Antonio José d'Almeida que arrosta a turba.

—Não me parece... aquillo é reclame ao «Variedades»...

E no meio da vozearia, do brouhaha inquietador da multidão que se aperta, sae uma voz. Tudo foge; precipitam-se, atropelam-se. As mães choram, as creanças berram, os policias vão aos urinoes; é uma confusão diabolica!

Inquerimos o que disse a voz. Foi só isto:

—Fujam! que ahi vem o homem macaco!

FULANO.

Que... pae!

O rev. Grunho deita foguetes e toca zabumba por se vêr livre do filho! Andem, raparigas, vão á confissão e á doutrina d'estes... grunhos!...

Se querem!...

Distribuiu-se aos deputados um questionario onde se pergunta, além d'outras coisas, se querem subsidio.

Façam favor de se não incommodarem. Elles bem o sabem pedir.

Sò... para mim engommo...

A joven Gaby chama ao desventurado Manoél «solitario entre as nevoas britannicas.»

Por isso é que muitos o traziam na barriga a fazêr companhia á «bicha solitaria!

O Homem e o Estadista

N'este momento psichico da nossa vida politica, e quando nos cerca um pesadissimo circuito de ferro apertando-nos — a Europa espreitando-nos pelos olhares dos seus habeis diplomatas, tem um alto significado moral, o exame singelo, frio e pausado, da obra dos que dizendo-se senhores dos destinos dos povos, se deixam cegar pela idolatria, embair pela popularidade dos que, amando a republica na pessoa dos seus caudilhos, não sabem (na maioria) definir os principios que dizem professar; quer dizer — o povo, ainda não sabe o que é a republica! E porque não sabe o povo o que é a republica? Porque os seus tribunos, abordando sempre a questão eterna dos homens, ensinaram a rua a odiar, a comprehender a necessidade de demolir, e fallando-lhe do alto da tribuna, na opressão que lhe esmagava os pulsos, limitaram-se a embail-o com os direitos que o regimen lhe extorquia e nunca lhe educaram o espirito tão obcecado pelo despotismo que o torturava e que elle manso como um cordeiro soffreu durante oito seculos, indicando-lhe os seus deveres e fallando-lhe a linguagem da verdade, para lhe dizer que a republica nada lhes podia dar, antes elle tinha que se sacrificar e muito para a consolidar. Em vez de educar, obcecaram-lhe o espirito, crearam egrejinhas de idolos, levaram o seu tempo a pensar na popularidade e no prestijio, descurando os graves problemas de toda a ordem que a implantação da republica lhes trazia n'um paiz onde, não havia instrucção, exercito, marinha e a sua administração era o latrocinio e o regabofe. E qual foi o resultado d'essa obra de demolição e de falsa educação do povo? A desordem e a vergonhosa desorientação que reina, desde que inesperadamente o povo, implantou a republica que alguns chefes sabiam tanto d'esse gesto, como eu sei agora o que vae na China! Uma vez implantada a republica, não se escolheram os homens para governarem, escolheu-se governo para os homem que, não possuindo a menor noção do que era a sciencia de governar povos, se lançaram na confusão e na desordem! Durante os primeiros mezes, tudo foi um ceu aberto de rosas e musica no Terreiro do Paço, emquanto que tudo corria á matroca porque um governo sem projecto é um corpo sem cabeça.

Os mezes succederam-se, as leis incoersivas caiam como baldes de agua gelada sobre a cabeça do povo esfomeado e recheado de promessas; e como era de suppôr, caiu a turba multa impondo uns o seu heroismos, outros, os seus... historicos sacrificios; e o governo, que tudo devia á rua, não póde reagir com a desordem, com ameaça e teve que se acocórar ante as exigencias creando, inventando logares para esses patriotas de barriga e que na sua maioria, são uns energumenos senão no todo, quasi analphabetos. Até na distribuição da fatia, houve a predilecção pelo idolo, os descontentes, uma vez desiludidos, tornaram-se ferozes inimigos do santo que hontem hyprocritamente beijavam na egreja do Bem Formoso ou de Arroyos; e assim, se dividiram as paixões entre governantes e governados.

A obra de Antonio José d'Almeida, deixa muito a desejar, tem erros, tem incoherencias, evidentemente temos em nome da verdade que o dizer mas, forçoso é confessar tambem, que a republica e o povo, devem-lhe assignalados serviços; elle foi, á custa da sua bolsa e da sua tenacidade, o organisador do partido desmembrado após a jornada de 31 de janeiro e a «alma mater» do glorioso gesto de 5 d'outubro porque, poucos como elle, tão eloquentemente acordaram o povo d'essa psicopatia que o prostrava na indifferença que auctorisou a existencia durante oito seculos d'esse edificio que era a moradia da vergonha e do descredito da nossa nacionalidade.

Mesmo Affonso Costa, que é sem duvida a individualidade que mais predicados reune para vir a ser em Portugal um Waldeck Rosseau, tambem errou! Quem ha pois, do governo provisorio, que seja capaz de conscenciosamente, levantar do chão uma pedra e atiral-a sem receio ao sr. dr. Almeida? Ninguem, todos erraram e todos pecam do crime de terem desorientado o povo, todos receberam as idolatrias dos seus fetiches, todos mentiram para destruir e todos contribuiram para a desunião da familia republicana.

Obra difficil, é a que compete agora aos homens que de futuro lhes sejam entregues os destinos de Portugal — emquanto que duras leis não ve ham metter na ordem os discolos, emquanto que o povo não puzer um dique a este desencadear de paixões filhas do egoismo que nos está levando para o abysmo, deixando-se de seguir homens, não haverá governo que resista a esta triste e vergonhosa lucta em que os homens se esfaqueiam para conquistárem a popularidade do povo! Todos erraram, todos provaram a sua falta de orientação governativa e a todos diremos: Os destinos dos povos, soffrem sem duvida mais com a gerencia dos pedantes do que com a administração dos corruptos.

Os cofres esvasiados podem reencher-se com sacrificios momentaneos na economia nacional, mas a descrença nos ideaes arrasados pela petulancia de certos troca-tintas é uma calamidade irreparavel. E outra cousa, não estão fazendo os gallos da politica n'esta guerra odienta que os divide.

ARIEJNARAL

Ao Dia

Somos inimigos intransigentes da incoherencia e da hypocrisia, e como tal—aceitamos de boa mente os inimigos que de frente e francamente nos ataquem; e assim, vem procedendo o distincto jornalista director do «Dia» que, tal como vem descreteando no seu jornal, se apresenta declaradamente inimigo e mordaz critico dos actos dos dirigentes do paiz.

Não concordamos no todo do seu modo de ver, porque nem tudo nem todos podem ser julgados tal como o «Dia» vem fazendo.

Alguma cousa boa ainda temos na joven Republica para honra do regimen e dos sinceros republicanos.

Não será assim?

OUTRO NÉNÉ

A rainha de Hespanha encontra-se outra vêz de esperanças. Está para breve a apparição d'um real menino.

Parabens ao povo hespanhol... e diganos cá uma coisa, ó seu Affonso 13.º Quando é que você para de fazêr meninos?

Será possivel!?

Entra nos pela porta dentro dona coscuvilheira que, nos vem trazer novidade grossa e fresquinha. Hoje não traz o usual capote e lenço—vem de ponta em branco e toda «dernier cri».

Um pouco ruborisada por ver tanto meneur na redacção, chama-nos a um canto e muito cautelosamente diz-nos: Então, já sabem que o João de Menezes abandonou o Brito Camacho? Não acreditamos tenha paciencia.

Pois se as duas creaturas são o Adão e Eva no paraiso da... «Lucta», como póde ser isso? Já lhe disse, divorciaram-se e para sempre! Não tem que ver, temos grossa avaria na nau da dona politica.

Ora veremos.

Arthur Trindade

Este distincto e apreciado cantor, cuja magnifica voz de primeiro baritono temos applaudido com enthusiasmo sempre que temos tido o prazer de o ouvir, está organisando um curso de canto.

E' de esperar que o numero de discipulos exceda as mais optimistas previsões pois não ha alguem que deixe de reconhecer em Arthur Trindade um grande e brilhante artista.

Viva a União!...

E' esse o grito que a todo o momento nos fere os ouvidos.

Quer seja em conversações, em assembléas ou em reuniões, não se desvanéce o enthusiasmo dos politicos a favor d'essa solidariedade que todos teem por dever acalentar de facto para bem da republica e para nossa honra e dignidade perante as outras nações.

Dizer-mos que todos os politicos estejam em erro ante os factos que se desencadeam presentemente em volta da nossa hombridade nacional é mentirmos á nossa consciencia.

Dentro dos varios modos como se encara a democracia actual algumas transigencias devem haver, e essas transigencias teem a sua origem nos politicos menos democraticos, que vivendo ainda sob a influencia ambiciosa de querer dominar, esquecem os seus promettimentos na opposição, esquecem a sua palavra comprometida e pretendem fazer uma politica de attracção, còm uma «benevolencia» tão grande que mais parece querer mudar republicanos em «paivantes» do que monarchicos em verdadeiros democratas...

Sabemos que a republica não foi feita só para nós que nos sacrificamos por ella, mas tambem sabemos que «todo aquelle que entre nas nossas fileiras tem que deixar toda a ideia de trama aos pés do povo»; de contrario, nada feito.

Preferimos um inimigo declarado que um «convertido» de sapa...

No actual momento, os verdadeiros inimigos da republica declaram-se mesmo dentro das nossas legiões: **são todos aquelles que se não conformam com o pleno desenvolvimento do nosso ideal.**

Se a republica é de **todos** os portuguezes, sabemos que todos os portuguezes «teem que proceder como republicanos dentro da Republica.»

Não façam como certo cavalheiro que no dia da revolução tinha duas bandeiras sobre uma meza, um dos pavilhões era republicano e o outro monarchico, prompto a arvorar aquelle que symbolisasse a causa vencedora...

Ouvi dizer que as varias facções democraticas iam desenvolver mais activamente a propaganda radical e conservadora; isso não devia ser por emquanto, que ainda o nosso povo não sabe o que é republica nem ainda lhe sentiu os beneficios.

Primeiro havia-se de tratar da consolidação do ideal e mais tarde, d'aqui a annos, far-se-ia as divisões.

Não se procedendo assim, as dissidencias actuaes revertem a favor dos «coiceiristas...» **Juiso e liberdade.**

CHACON SICILIANI.

EIA POIS! ÁLERTA GENTE!

Nos Paços do Presidente
Já houve grosso festim!
Kouve convite p'ra mim,
P'ra o Ventura e p'ra o Chispim
P'ra o Bernardo e Benjamim!
'Té veio gente de Berlim,
Da Segovia e de Pekim!
Veio o bispo de Pangim,
A soprar no seu latim!
Já constou que o Serafim
Cantou um fado ao bandolim!
E o gajo de gergelim,
Da pevide e amendoim,
Veio vender no tal festim
O pó de perlim pim pim!...
Houe baile no jardim,
E fogueiras de alecrim,
Até lá foi o Alpoim
Recitar um annexim!
No menú o logostim,
Sardinha assada e pudim,
Carapau frito e chapim,
Rabadilha de saguim,
Fressura, figado, rim
E azeitona ao salamim!
Foi mui bel o o tal festim!
Nunca se viu coisa assim!
Pstarim!
Tá tárá tá tá tá... tchim!
Plim! Plim!

Os trez ratas do poleiro

Embora o Terreiro do Paço, diga que estes fantoches é que governam, os ratas da situação, são os que mexem os cordelinhos.

A situação

Embora, os leões da publicidade, tenham lançado o foguetorio do enthusiasmo ao orbe, rasgando dos diccionarios os adjectivos que melhor adoçavam o sabôr dos seus idolos, demonstrando ao povo ser mais uma das maravilhas da arte de governar—o nucleo **concentração** que acaba de subir aos fauteuils ministeriaes, «O Zé,» alheiado de facções, guiado pela missão de orientar, doutrinar, fallando ao povo a linguagem da verdade, limita-se a saber esperar que os factos venham com a rudeza da sua logica, provar que os actuaes cidadãos chamados ao governo, sabem corresponder ás multiplas exisgencias que o actual momento historico faz incidír na vida do paiz tão debilitado ainda da anemia aguda em que o gesto de 5 d'outubro o foi encontrar.

Ainda não tinha aquecido o e tofo dos seus fauteuils o novo ministerio, já o maldito «diz-se» corria de bocca em bocca, fazendo correr qual rajada de vento, a galga de que a dona concentração (?) não seria bem recebida pelo imperador Cezar, da Bica, e que ao entrar os portões de S. Bento, não tardaria a ser atacada pela menigite do obstrucionismo! Não acreditamos.

A ser assim, começaremos por onde acabou o finado regimen de odiosa memoria e que bem funestos exemplos legou ao povo que, é sempre a victima dos desmandos d'uns e dos egoismos d'outros.

Do actual governo, fazem parte homens de actividade e energia, não diremos saber porque não temos conhecimentos de factos que nos auctorisem a chamar estadistas aos novos governantes, por isso, aguardamos os nossos foguetes, os nossos adjectivos e os nossos applausos, para a hora em que os factos provem que o governo de concentração sabe honrar as cadeiras do poder e resolver á medida das forças do paiz os graves problemas que pejam nas suas secretárias.

Veremos e fallaremos a seu tempo.

Tempos passados

Eu era o glorioso Danton portuguez. Meu verbo inflamado arrebatava as multidões e levava-as ao rubro n'um estrugir estonteante de palmas e vivas!

Cheguei a suppôr-me um idolo da massa anónima, essa grande massa que se chama povo e, tantas vezes enalteci e glorifiquei nos meus discursos eloquentes e demolidores!

As barricadas! Ah! quantas vezes a invoquei e d'ellas fiz o tom colorido dos meus sermões atroadores !

A inclemencia! Ah! quantas vezes tambem a invoquei para os delinquentes e traidores á patria e suas leis!

E hoje?! Dizem-me que já não sou o mesmo! Que a minha energia se evolou e a minha verbosidade se tornou gaga, muda, incomprehensivel!

Oh! mas, eu, amo a Republica como sempre a amei! Não apostatei. Assim o julgo. Mas darse-ha o caso que eu já não tenha a nitida comprehensão dos meus actos e que, o que portanto, na minha imaginação se me afigura claro como o dia, á luz da verdade se apresente brusco e escuro como o breu?

Talvez. Mas sendo assim; oh! fatalidade! eis aqui a explicação dos pezadelos que me teem torturado n'estas ultimas e já longas noites de outomno!

Tens um grande coração! ouço dizer em sonhos; e, tão vasto que não dás pelos maus e fingidos seres que se acobertam nas suas dobras, procurando, assim viver na impunidade dos seus crimes atrazados.

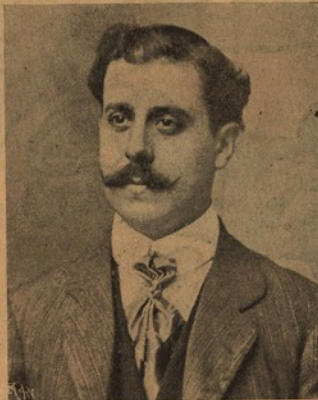
E, quando vou acordar, ouço ainda a mesma voz dizer-me: Nunca a bondade do coração foi o apanagio de quem em momentos anormais para as nacionalidades acceitam o tremendo fardo de governar. E, muito especialmente, quando se governa um povo sahido d'uma revolução que teve tanto de justa como de emancipadora attento á sêde de liberdade e justiça d'esse mesmo povo, até então espoliado e escarnecido.

Mas, fui eu, quem, n'outro tempo o ensinou a revoltar-se contra os inimigos da Patria; contra os criminosos confessos e contra o cancro negro da reacção que o asfixiava na sombra negra do fanatismo!

E' certo repete ainda a mesma voz. Mas, é precisamente esse o ponto inicial e culminante da discordia existente entre o fogoso e romantico orador d'outr'ora, o aspirante a chefe d'um grande e volumoso blóco de argamassa avariada e a tal massa anonima que tu ensinas-te a correr com os mystificadores!

STIL.

O Romão das balanças...

(O seu anniversario)

Viva o pagode, viva a reinação!
Pairem n'«O Zé» as córes mais garridas!
Eu canto o anniversario do Romão,
Que faz balanças, pesos e medidas!

O Romão é um grande bréjeirão,
Encerra qualidades requeridas;
Faz balanças com muita perfeição,
Tal qual a minha sopa faz comidas!...

O Romão é artista nas festanças;
Não ha vontade alguma que o decida
A parar n'esta senda de esperanças!

Faz com «medida» tudo n'esta vida,
Mas lá «medidas, pesos e balanças»,
Isso faz ell' «sem peso nem medida!...»

Trabalhemos

A proposito, da acção esteril do parlamento até hoje, e n'um substancioso artigo editorial, vinha «A Republica», tal como gato a bofe, desancando os meninos bonitos que teem assento na velha casa de S. Bento. Tem graça, mesmo muita graça o artigo da «Republica».

Então, a lei eleitoral que levou a S. Bento tanto idiota, prova bem, que o director da «Republica pondo de parte os altos interesses da republica, apenas viu a necessidade de fazer sentar nos fauteuils parlamentares penicularios! E' indispensavel então trabalharmos muito, e o director da «Republica», faz pôr em execução a lei de Instrucção Primaria, só para servir afilhados, visto que, elles continuam passeando, e ate hoje, não temos edificios nem material para que possam funccionar as escolas! Fallaremos.

CHARADAS... RACHADAS

Então divertiram-se muito?

São capazes de dizer que mataram as perguntas que fizemos! Pois nós juramos que se enganaram! E se não vejamos a primeira:

—Qual é o official portuguez que sem se ralar nada, faz tres contos por anno?

As más linguas mexeram-se para dizerem que é o sr. Machado dos Santos.

O que é a maldade! Pois saibam que não é este cavalheiro. E' o sr. André Brun! Nunca leram os seus contos? Pelo menos faz tres, sem ralação alguma, porque tem muita «verve»... d'alem fronteiras. E que tal? Não tem piada?...

Vamos á outra:

—Qual é o membro do congresso que os homens trazem ás vezes á dependura?

Schiu! Isso não se diz... Ora chuchem que se enganaram! Não é o sr. de Leiria, é o sr. Terenas! Não façam cara, porque temos encontrado muitos homens com as «trenas» das ceroulas cahidas. E nunca vimos isto a mulheres, porque é rarissimo usarem ceroulas. A não ser alguma «macha-femea», já se vê»...

Recebemos muitas respostas mas nenhuma acertou; são todos uns maldosos...

Vá lá uma, para ensaboar a pinha:

—Ha um deputado que é a coisa mais reaccionaria que existe. Quem é este magico?

Cautellinha com as respostas!

Nem um!

A Capital, fallando da reabertura do Senado, diz, a proposito da não comparencia do governo.

«Do governo nem um membro!»

Que desgraça para a familia! Ao menos um membrosinho...

Estante cá da casa

Recebemos as seguintes publicações:

Echo Artistico. Interessante revista de theatros, proficientemente dirigida por Xavier Marques.

Vida Artistica.—Revista no mesmo genero, que se lê com agrado pela maneira elegante como é ridigida. Tem como director Eduardo Fernandes.

O Polichinello.—Revista trimensal de theatros, circo e variedades que fêz a sua reapparição, dirigida por Ricardo Jorge. Traz a par de nitidas photographias, muitas coisas interessantes. Os seguintes numeros serão de 16 paginas, ao preço de 20 réis.

Agradecemos e desejamos longa vida e prosperidades aos illustres collegas com quem permutamos o nosso jornal.

Adelaide

E' o titulo, d'uma interessante gavote para piano de que é auctor Teofilo Seguer que, embora desconhecido no grande meio dos artistas classicos, é um rapaz cheio de talento e com estofo artistico.

E' um dos poucos, que á custa do seu esforço e da sua rara actividade, se tem sabido impôr pelo seu estudo e perserverança, e, um dos laureados estudantes do nosso conservatorio de musica.

A sua producção, é prova mais que sufficiente do seu talento e de quanto temos a esperar das suas faculdades.

Agradecemos o exemplar que nos offereceu e que nos dizem estar á venda em todas as casas de musica.

Os dois

Seringas e sornas
existem cá
Machos só dois
na «Lucta» e no resto
São melros sabidos,
dos d'alto lá;
São bons figurões,
mas dos taes de cabresto.

Ha um que é Manel,
sem ser d'abalada;
Não é alveitar
é sabio doutor:
O outro de ingenuo
tambem não tem nada
Nem da Innocencia
se mostra credor.

São pedras de toque
do mesmo quilate;
D'aquelles ha poucos;
ha dois, só dois;
O Brito é o «antes»
do chocolate,
O outro mais ancho
é o «depois».

Em comparações
'inda não é tudo
E já que assim é
seguimos na dança,
O Brito é magrinho,
o outro bojudo,
Um é o Quixote,
o outro é o Pança.

São duas alminhas
n'um corpo só;
Regulam os dois
p'la mesma bitola.
São os principaes
lá no sol e-dó
Se o Brito diz mata,
o outro esfola.

São dois caldeirões
de chumbo a ferver.
Um é mais sizudo
o outro traquina;
Um é sal de azedas
a derreter,
O outro é um bolo
de estriquinina!

STYL.

Francfort Hotel

Acabamos de receber como brinde, umas lapiseiras que, pela sua originalidade e fino gosto, provam a sagacidade do sr. Arthur Silva, proprietario do importante e bem conceituado hotel que é hoje um dos melhores da capital.

A lapiseira, é um brinde que offerece o sr. Arthur Silva a todos os seus hospedes e digno da casa que dispensa bem o réclamo espaventoso e ridiculo.

Os creditos que ha muito desfruta a sua casa, dispensam os nossos encomios e favores.

Agradecemos e registamos a gentilesa que teve para com o nosso jornal.

Azulismo

Ha uma professôra na Casa Pia de Lisbôa que se lembrou de dizêr que a verdadeira bandeira nacional é a bandeira azul e branca.

Azul e branca tinha a sua avó na cosinha! Ora a «professôra das duzias!...

Noticias theatraes e animatographicas

No Gymnasio

Continuam representando-se peças muito do agrado do publico que em geral vae ao theatro para passar umas horas alegremente e isso consegue frequentando esta casa de espectaculos. No dia 24, em beneficio do distincto actor Telmo, sóbe á scena a comedia burlesca «A receita de Mourisca» que consiste em 3 actos de bom portuguez e replectos de piada que todos podem ouvir.

Theatro da Republica

A comedia de Marchand de Bonheur que com o titulo «Um homem fatal» subiu á scena n'este theatro foi mais um triumpho para a companhia que a interpretou. O publico, que de ha muito está costumado a vêr no **Republica** o que de melhor se produz lá fóra, só tem motivo para accorrer em massa sempre que seja annunciado «Um homem fatal».

20:000 dollars

Não ha duvida: o **Nacional** deu no vinte com os 20:000 dollars. Peça cheia de interesse ella prende a attenção do espectador da primeira á ultima scena, muito movimentada e bem traduzida. Nós só lhe pômos um defeito: não sêr portugueza. O desempenho é soberbo. Carlos Santos, é admiravel, Augusto Mello no director da cadeia vae muito bem, Lucinda, Peixoto, A. Pinheiro e os restantes egualmente muito bem. Não lhe fazemos reclame. O Gouveia Pinto é que póde mostrar a folha da receita.

Na Trindade

Palmira Bastos continua apresentando-se nas suas diversas creações sendo sempre acolhida com applausos o que nada admira pois todos reconhecem n'ella uma, senão a primeira, das nossas primeiras figuras de oppereta.

Maravilhosos espectaculos

São os que se realisam no **Colyseu dos Recreios** onde figura a extraordinaria troupe arabe que causa assombro com os seus prodigiosos saltos, o artista portuguez Carlos Lamas, a athleta Victoria Aleno, etc. etc.

Estão annunciadas para breve estreias sensacionaes, entre as quaes uma que deve causar sensação. Que será?

Salão Trindade

A empreza d'esta animatographo não descansa na organisação de magnificos programmas com elementos sensacionaes. Assim se dão succesivas estreias e successivas enchentes n'este elegante «cine» ponto de reunião das nosssas primeiras familias. O espectaculo de hoje marca uma «etape» de gloria do deslumbrante salão que todas as noites delicia os seus tão numerosos frequentadôres com os programmas mais variados e sensacionaes. O sextetto Cagiani continua realisando concertos admiraveis, fazendo ouvir os mais deliciosos trechos musicaes.

O Chico das Pêgas

Se Schwalback foi feliz ao escrever a «Bisbilhoteira» não foi menos ao escrever a peça que todas as noites faz encher á cunha o **Apollo**, e no final do espectaculo o auctor do libreto e da partitura, Filipe Duarte, da esplendida opereta são acclamados com entusiasmo.

Salão Avenida

A empreza d'este animatographo está caprichando em organisar programmas atrahentes o que tem conseguido não lhe faltando portanto concorrencia ás suas sessões.

Chiado-Terrasse

Passa-se agradabilissimamente as noites no «cine» da moda. As fitas são de uma actualidade flagrante, o sextetto é composto de mestres e na assistencia figuram as mais lindas caras de Lisboa. Que mais querem para passar uma noite deliciosa?

Olympia

Este animatographo da rua dos Condes que ultimamente abriu mais um salão pois a concorrencia era tanta que a primitiva casa já não chegava, continua apresentando fitas de primeira ordem, sendo algumas dellas deveras interessantes. Aconselhamos uma visita ao **Olympia**.

Grande Salão Foz

Aqui as sessões são acompanhadas de numeros de variades da melhor que ha lá fóra. Todas as noites a casa se enche o que não nos admira pois é já sabido que artista que venha para o **Foz** é por que realmente tem valôr.

Theatro da Rua dos Condes

Embora tenha uma companhia modesta o que é verdade, e isso deve-se dizer, é que o **Rua dos Condes** nos tem apresentado revistas dignas de apreço e por isso o recommendamos ao publico.

Chantecler-Chalet, Central & Loreto

Estes tres animatographos que reunimos em firma commercial são tres... «caras» direitas. N'elles se veem fitas de valor, artisticas ou falladas sendo altamente recomendaveis alguns «films» que lá se teem apresentado. Só por que ficaram para o fim não quer dizer que n'alguma coisa seja inferior aos outros. Não senhor. Lá diz o dictado «muitas vezes os ultimos são os primeiros». E por aqui ficamos.

Cremilda de Oliveira

Uma agradabilissima noticia:

Cremilda, a querida actriz do **Avenida**, faz novamente parte da companhia d'este theatro. Se o publico frequentava assiduamente o **Avenida** para apreciar o grande actor José Ricardo, mais o fará agora pois apreciará tambem uma notavel artista que alcançou no Brasil um successo inegualavel.

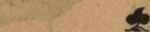
Theatro Etoile

Tem tido enchentes successivas esta elegante casa de espectaculos sendo sempre os programmas cheios de interesse.

Salão dos Anjos

A revista «Foguetes e fungagás» continua alcançando enthusiasticos apdlausos todas as noites.

Theatro Moderno

N'esta semana subirá á scena a revista Arre... que é burro, de que nos dizem maravilhas.

Picuinhas politicas

O Sr. Vicente Ferreira, discreteando sobre marinha e exercito, remata d'este modo um artigo na «Lucta»:

«Resta apenas averiguar se Portugal quer vivêr.

«Esta é a equação do problema.

«Qual a solução?»

O Sr. Ferreira é um jornalista muito massador! Vir azuinar-nos com a eterna historia do nosso fraco exercito e da nossa escalavrada marinha, quando todo o mundo se está occupando do amuos do sr. dr. Antonio José d'Almeida, é obra d'um jornalista que pretende crear difficuldades á Republica.

Fóra que é thalassa! Têmos mais que fazer do que pensarmos em defender as costas...

BONNE.

Ultima hora

A' hora a que fechamos o nosso jornal, é para lamentar que, ainda não esteja solucionada a questão do pão. Temos, como é nosso dever, a maxima veneração e respeito pelos direitos dos que trabalham, no entanto, não podemos deixar de nos contristar em ver que não se concedeu o tempo indispensavel para que os poderes publicos estudassem a questão com a attenção precisa.

Todos temos que respeitar direitos mas tambem que reconhecer deveres.

Por sua dama

Macieira, el diestro que acaba de receber alternativa, offerece a sorte de morte á dama da sua predileção